

TRÊS ENTREVISTAS COM BIÓGRAFOS E ESTUDIOSOS DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i27p228-236>

Por Saulo Gomes Thimóteo e Horácio Costa

FERNANDO GÓMEZ AGUILERA

Escritor espanhol, publicou em 2008 a cronobiografia intitulada *José Saramago: a consistência dos sonhos*, a partir da sua exposição homônima realizada pela Fundação César Manrique. Além disso, organizou um catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas de José Saramago, publicado em 2010, sob o título *As palavras de Saramago*.

SAULO GOMES TIMÓTHEO/HORÁCIO COSTA: Como foi o processo de suas leituras da obra de Saramago que suscitaram a escrever uma biografia (no caso, uma cronobiografia)?

FERNANDO GÓMEZ AGUILERA: Comencé a leer sistemáticamente la obra de Saramago a partir de 1993, coincidiendo con el traslado de su residencia a Lanzarote. La relación con el autor y con Pilar del Río, la frecuentación de su casa y los momentos compartidos fortalecieron los lazos de amistad y el seguimiento cercano del ciclo de producción literaria iniciado con “Ensaio sobre a Cegueira” (1995). En ese contexto, tuvimos oportunidad de conversar sobre sus intereses narrativos y sociopolíticos, me adentre em su vida, presenté varios de sus libros en actos compartidos

no existía a esas alturas), en cuya arquitectura integré valoraciones y opiniones del propio autor, asumiendo que su punto de vista sobre hechos de su vida y sobre sus propias obras proveen información complementaria estimable para entender y acercarse a su universo vital y literario. La aportación de imágenes (significativas en el conjunto) servía, asimismo, de contrapunto para matizar y, de algún modo, “atemperar” la “frialidad” del método cronobiográfico.

SGT/HC: No prefácio do seu *José Saramago: a consistência dos sonhos*, você diz: “Nada na origem de José Saramago deixava prever Saramago: mas tudo estava ali contido”. Poderia desenvolver este enunciado?

FGA: Se trata de una idea que no es ajena a manifestaciones del propio autor. Pensemos en algunos rasgos de su biografía: el origen social manifiestamente humilde; su contexto familiar ajeno al ámbito y las preocupaciones de la cultura; su limitada formación reglada, con estudios básicos y de carácter técnico; la tímida recepción de las obras que publicó entre 1947 y 1980; e incluso, ya cuando trabajaba de editor, las dificultades que tuvo para ser aceptado en el ecosistema literario lisboeta (algo que, por otra parte, no consiguió resolver en los sesenta y los setenta del pasado siglo). Estos hechos no parecen patrones que prefiguren el destino de un premio Nobel de Literatura. Podría añadirse que fue, además, escritor de maduración y reconocimiento tardíos, después de haber publicado su primer libro a los 25 años y de continuar publicando. Hasta que no escribió y editó “Levantado do Chão” en 1981, casi a los sesenta años, no encontró su voz literaria propia, el signo distintivo de su personalidad narrativa. Y lo hace entonces con un extraordinario vigor verbal e imaginativo, sorprendentemente consistente y continuo a partir de entonces. Su recorrido tiene algo de fantasía, una rara justicia poética que no se prodiga en la existencia humana.

No obstante, sin el Saramago que, con rigor, mostró el profesor Horácio Costa en su obra dedicada al período formativo y sin la “arqueología” saramaguiana de la que di noticia en mi cronobiografía, no podría explicarse cabalmente el Saramago que todos conocemos hoy. Si se leen sus crónicas periodístico-literarias recogidas en “Deste Mundo e do Outro” (1971) y “A Bagagem do Viajante” (1973), o su poesía, se verifica que allí está contenida la esencia de José Saramago, su germen, su sensibilidad y

su punto de vista, su relación con la realidad, casi todo, a excepción del lenguaje y la expresividad narrativa basada en la oralidad que emergió con “Levantado do Chão”. Su vida y su obra se desarrollaron con una compacta coherencia, apoyada en su trabado sistema de ideas y valores.

SGT/HC: Há algum critério que funcionou como espinha dorsal da escolha das citações saramaguianas publicadas em *As palavras de Saramago*?

FGA: Planteé el libro como una especie de levantamiento topográfico de la vida, um mapa de las ideas y la concepción literaria de José Saramago, a partir de su presencia en la esfera pública, formalizada en los medios de comunicación. Una fotografía fragmentaria, pero ensamblada, en forma de mosaico, del modo en que Saramago se proyectó en la conversación pública de su tiempo. Los ejes estructurantes se corresponden con conceptos que, a mi juicio, responden a algunos de los centros de interés sustantivos del pensamiento, la obra y la vida del autor.

SGT/HC: Para a exposição “José Saramago: a consistência dos sonhos”, que viajou entre Europa e América, há algo que você desejaria mencionar especificamente, enquanto curador?

FGA: Fue una exposición de gran formato, que incluyó em torno a 1.600 piezas, con variado soporte audiovisual y un considerable volumen de materiales orginales de Saramago: manuscritos, mecanoscritos, anotaciones, borradores, documentación, fotografías, prensa, grabaciones, ediciones en diversas lenguas... Pero, quizá, lo más destacable fueran los textos inéditos del primer Saramago (poemas, novelas, teatro, anotaciones...), fechados en la segunda mitad de los cuarenta y la década de los cincuenta del pasado siglo, que hallé en el archivo del escritor, desconocidos hasta entonces y que pude mostrar. Afloró toda una rica “arqueología saramaguina” que ofrece una valiosa documentación para aproximarse a los orígenes literarios del premio nobel portugués. De parte de ese cuerpo de materiales, di noticia en la cronobiografía homónima de la exposición y la he ampliado, incorporando abundantes referencia inéditas, en mi reciente libro, “José Saramago. El pájaro que pía posado en el rinoceronte”, publicado en español por La Umbría y la Solana, que Porto Editoria traducirá al portugués este año. Tuve la fortuna de que José

Saramago pusiera su archivo a mi disposición, sin restricciones de consulta, un verdadero privilegio de la amistad que no dejo de agradecer.

MIGUEL REAL

Escritor tanto de obras ficcionais, quanto de ensaios sobre a cultura e a história portuguesas, publicou em 2021 o livro *Pessoa e Saramago*, em que realiza uma aproximação e uma contextualização dos projetos literários de ambos os escritores.

SGT/HC: Como foi o processo de suas leituras da obra de Saramago, que suscitaram a escrever uma biografia?

MIGUEL REAL: O processo foi simples mas moroso: ler tudo o que existia no espólio de Saramago e na Fundação José Saramago, ler tudo o que já fora escrito sobre Saramago e esboçar um plano de escrita. Concluimos que a sua vida se dividia em "7 vidas" ou 7 momentos principais. Assim, a biografia intitula-se *As Vidas de José Saramago* e tem como autores eu e Filomena Oliveira.

SGT/HC: Na sua opinião, qual é o papel do biógrafo – ou das distintas modalidades que tratam de estabelecer os dados da biografia de um autor – na coalescência de sua obra literária e de versões interpretativas de sua vida/obra?

MG: Tentámos ser fiel ao que Saramago escreveu sobre a sua vida (Cadernos, crónicas, Cadernos de Lanzarote, entrevistas, Pequenas Memórias), tudo que ele disse a propósito de si, a que juntámos as diversas interpretações principais sobre a sua obra. Neste sentido, destacámos dois temas principais em cada momento da sua vida e obra: a reivindicação de uma Justiça social para todos e os momentos estéticos principais. Gostaríamos de dizer que tínhamos conseguido uma harmonia entre o Saramago cidadão e o Saramago autor.

SGT/HC: Em sua opinião, como é o percurso criativo na análise e sistematização da vida de uma pessoa em texto?

MG: Tentámos integrar o texto do Saramago como reação ao ambiente ideológico e literário de cada momento importante da sua vida: primeiro, uma afirmação face à filosofia naturalista (1ª fase, para o qual muito nos ajudou o livro do Prof. Horácio Costa); depois (na poesia) a contextualização da poesia em Portugal na década de 60 segundo uma adesão à filosofia marxista; um terceiro momento, a descoberta de uma voz própria (década de 80) que afirma o seu estilo pessoal; finalmente, a expressão de uma filosofia neo-humanista (década de 90 até à morte) como defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos Ambientais.

SGT/HC: Fernando Pessoa e José Saramago são os escritores do século XX mais traduzidos, e que mais “navegaram” fora de Portugal. O que crê que haja em comum entre esses autores que suscite o interesse do público leitor e da crítica para lá da língua portuguesa?

MG: São ambos autores que transgridem todas as categorias literárias dominantes no seu tempo: Pessoa através da heteronímia, Saramago por via da sua conceção de "autor-narrador", recusando, contra a Academia, separar os dois conceitos. A heteronímia permite a Pessoa escrever poesia e prosa como se fosse Outros sendo o Mesmo, criando assim um universo literário pessoal e universal. Cada heterónimo exprime uma visão filosófica do mundo. Saramago transforma o seu narrador enquanto autor em "tudo de todas as maneiras" (para utilizar uma expressão de Álvaro de Campos): tanto é lírico como trágico, historiográfico como atual, clássico como romântico, interrogador da história como crítico e iluminador, tanto subjetivo como objetivo, tanto íntimo e confessional como coletivo (o "nós"), tanto material e concreto como encantatório... O leitor encontra assim, em Pessoa e Saramago, textos absolutamente originais que o encantam.

SGT/HC: Considera você que a pluralização do autor em Pessoa corresponderia à identidade inquiridora dos textos saramaguianos sobre o teatro da história contemporânea?

MG: É exatamente isso. Não podíamos dizer melhor.

SGT/HC: Qual é a sua postura sobre a convivência entre as vertentes biográfica e ficcional na constituição de um discurso propriamente biográfico enquanto gênero literário, para a compreensão do processo vida/obra de um autor?

MG: A nossa postura metodológica foi seguir passo a passo a vida de Saramago e tentar encontrar um sentido existencial (por vezes labiríntico) para a sua vida, harmonizando as duas grandes lutas da sua existência, a intervenção cívica e escrita literária. Não imaginamos que se possa escrever uma biografia sobre um autor que não se respeite a sua vida em concreto, as suas ideias, as suas ambições juvenis, as suas frustrações de adulto, as suas indignações, as suas amizades e inimizades. Não temos uma postura teórica dogmática que aplicamos aos autores a não ser tentar encontrar um sentido para o arco da sua vida. O sentido da vida de Saramago foi duplo: lutar pela Justiça e criar um universo literário próprio, um "realismo de portas abertas" para o maravilhoso.

RICARDO VIEL

Jornalista, é diretor de comunicação da Fundação José Saramago. Foi um dos organizadores do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, com a correspondência e diálogos entre José Saramago e Jorge Amado, e autor do livro *Um país levantado em alegria – 20 anos do prêmio Nobel de literatura a José Saramago*, com uma descrição dos acontecimentos da entrega do Prêmio Nobel e uma compilação de mensagens enviadas a Saramago pela ocasião do prêmio.

SGT/HC: Como foi o processo de suas leituras da obra de Saramago que suscitaram a escrever uma biografia (no caso, uma fotobiografia)?

RICARDO VIEL: Em primeiro lugar acho importante dizer que *Saramago, os seus nomes*, é um trabalho feito a quatro mãos. Durante dois anos trabalhei com o editor e escritor argentino Alejandro García Schnetzer neste projeto que começou, justamente, por uma releitura da obra do escritor. Foi o primeiro passo, mapear a obra de Saramago para identificar quais os pontos que nos pareciam fundamentais. O segundo passo foi

decidir quem contava o livro, de quem era a voz, e depois de vários estudos optamos por dar a palavra ao biografado. Cerca de 90% do texto do livro é de autoria de José Saramago, proveniente de muitas fontes (seus livros, entrevistas, cartas, discursos, textos jornalísticos etc).

SGT/HC: Na sua opinião, qual é o papel do biógrafo (ou das distintas modalidades que tratam de estabelecer dados da biografia de um autor) na coalescência da obra literária de um autor, e de versões interpretativas de sua vida/obra?

RV: Não sou um teórico do assunto, posso dizer da minha experiência e do meu caso concreto. O trabalho feito por Fernando Gomez Aguilera na cronobiografia de José Saramago foi absolutamente fundamental para o projeto que desenvolvemos e penso que serve de modo geral para os leitores entenderem e refletirem sobre a vida e a obra de José Saramago (de onde vem, como se forjou, o que produziu etc). Embora Aguilera não busque interpretar passagens/momentos da vida de José Saramago, ao recuperar cronologicamente a vida do escritor o que faz é permitir que consigamos enxergar o todo, o retrato a corpo inteiro, para depois adentrarmos nos detalhes.

SGT/HC: Como é o percurso criativo na análise e sistematização da vida de uma pessoa em texto?

RV: No caso específico desta fotobiografia, além da seleção dos textos de e sobre José Saramago, penso que na escolha das imagens (cerca de 500, provenientes de diversos arquivos: públicos, privados, de fotógrafos profissionais ou não, além dos arquivos do próprio autor).

SGT/HC: Que elementos de sua formação de jornalista, em articulação com seu trabalho à frente da Diretoria de Comunicação da Fundação José Saramago, auxiliam na investigação dos acontecimentos da vida de seu biografado?

RV: Em 2018 publiquei um livro-reportagem que conta sobre o Prêmio Nobel de Saramago, se chama “Um país levantado em alegria”. Também organizei um livro de correspondências entre ele e Jorge Amado (“Uma

amizade em cartas”). Quando comecei a trabalhar na fotobiografia não parti do zero, portanto. Já tinha trabalho de pesquisa prévio e sabia onde estavam e como chegar a muitos documentos. Em relação à minha experiência como jornalista, penso que ajudou no trabalho de investigação em arquivos e o contato com fotógrafos, que foi muito longo e cansativo.

SGT/HC: Há uma série de fotobiografias célebres na literatura portuguesa contemporânea: por exemplo, as de Fernando Pessoa (Maria José de Lencastre) e de Antero de Quental (Ana Maria Almeida Martins). Haveria alguma correlação entre estas e a fotobiografia que está a produzir?


RV: Eu diria que muito pouco para não dizer nada. Em Portugal há realmente uma tradição de fotobiografias, mas o livro que construí ao lado do Alejandro não tem esse formato tradicional de fotobiografia que conta cronologicamente a vida do biografado e se baseia, sobretudo, em retratos do próprio. Se há algum livro próximo a este é o álbum biográfico (como também preferimos nomear o nosso trabalho) de Cortázar chamado “Cortázar de la A a la Z”, um livro que só foi publicado no mundo hispânico.

Concepção e realização das entrevistas:

Saulo Gomes Thimóteo

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.


Contato: sthimoteo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3874-9215>

Horácio Costa

Poeta. Professor de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo.

Contato: horaciocosta23@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7804-8499>

A Revista **Desassossego** utiliza a Licença **Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.